

O NOVO EXÉRCITO SOVIÉTICO

Ten-Cel POURICHKEVITCH (Revue de Défense Nationale, julho de 1964).

Tradução do Major Art RUBENS MARIO JOBIM, Oficial de Estado-Maior.

Há cerca de vinte anos, os chefes militares soviéticos preparavam a arremetida vitoriosa que deveria conduzir suas tropas ao assalto dos últimos bastiões do Reich hitleriano. E este assalto final tomou verdadeiramente o aspecto de uma "correnteza", de uma resaca de homens, carros e canhões, tudo submergindo à sua passagem, esmagando tôdas as resistências, até que a bandeira vermelha flutuasse triunfalmente no Reichstag. Esta imagem permaneceu intacta em muitos espíritos. Exército soviético = exército de massa. Concebe-se, imediatamente, multidões em armas, o "rôlo compressor"... , percebendo-se vagamente que o enorme aparato militar do Leste tem em si um cunho rústico, e que sua força e a ameaça que mantém em suspenso o Ocidente, antes residem em seu volume e péso do que em suas ações técnicas ou operacionais.

Entretanto, no Leste como no Oeste, desde a última guerra mundial, a organização, a estrutura das forças terrestres, tanto quanto sua doutrina de emprêgo, sofreram alterações radicais. E com razão! Pois o combate moderno ou do futuro, colocado sob o domínio absoluto da arma nuclear, exige de seus participantes uma adaptação que equivale a uma transformação completa. Assim, o Exército Soviético atual não é mais que um parente longinquo das forças stalinistas "libertadoras" das províncias alemãs que lhe sentiram o choque. As tropas vitoriosas de 1945 eram, com efeito, uma "massa combatente", etnicamente heterogênea, inflamada por imenso patriotismo, mas mal organizada, não completamente motorizada, e equipada com material dispare, em grande parte de fabricação estrangeira. Este Exército Vermelho de Stalin não é mais que uma vaga lembrança. As forças que o sucedem agora são o produto de uma lenta evolução, efetuada de maneira gradual e prudente, mas que em menos de vinte anos conseguiu transformar sem conflitos o conjunto de suas características, quer se tratasse de seus efetivos, de sua organização geral, de seu enquadramento ou de seus materiais.

* * *

Dissemos que se tratava de uma evolução lenta. Compreende-se facilmente que no dia seguinte a uma vitória dessa extensão, uma certa recolocação em ordem se impunha, antes de recuperar e corrigir a ferramenta que tão bem havia servido. Era preciso igualmente re-

cuperar a economia nacional, devastada pela ocupação, e tornar a dar pleno rendimento à indústria do armamento. Mas a evolução seguida pelo Exército Soviético é, sobretudo, resultado de sua adaptação progressiva ao desenvolvimento da arma nuclear e aos múltiplos problemas derivados do emprêgo desta num campo de batalha eventual. As principais fases dessa evolução estão, também, estritamente ligadas às diferentes etapas que marcam, desde a última guerra, a série de realizações soviéticas no domínio da utilização militar do átomo. Estas fases podem ser, assim, resumidas:

— *Do fim da guerra à morte de Stalin.* E, primeiramente, a re-colocação em ordem do Exército. Os efetivos são pletóricos; o material é heterogêneo e gasto; o pessoal está fatigado; sua disciplina acha-se enfraquecida pela vitória e igualmente, de certo modo, pela fugidia descoberta das liberdades e do conforto do mundo ocidental. A desmoralização e a retomada das rédeas estendem-se por vários anos. O estudo da doutrina militar foi relegado a segundo plano. Além disso, que exército vitorioso pensaria em modificar a sua no dia seguinte ao de seu triunfo? Ademais, a URSS possui em Stalin a encarnação viva do “gênio militar”, cujos ensinamentos não poderiam dar lugar a qualquer discussão. Do outro lado do mundo, é certo, duas bombas americanas puseram fim, em alguns dias, à desesperada resistência do Japão, e a URSS não negligencia nenhum esforço para obter, por seu lado, uma arma dessa natureza. Contudo, nenhuma menção a seu possível emprêgo no plano tático figura na literatura militar da época.

De 1953 a 1960. A URSS desenvolve, a grandes passos, seu arsenal nuclear. Por razões evidentes, a criação de uma força de resposta estratégica recebe prioridade absoluta. Todos os esforços são concentrados na obtenção de foguetes intercontinentais e “sputnicks”. O exército é, evidentemente, um tanto sacrificado por êste programa de desenvolvimento prematuro da força estratégica. Sabe, entretanto, que o adversário “imperialista” está preparando sua arma nuclear tática. Procura, pois, adaptar-se à essa nova ameaça; mas, inicialmente, de maneira passiva. Progressivamente, dota-se as formações de meios de enterramento e de proteção. As primeiras unidades de defesa QBR são criadas. Pouco a pouco o *Corpo de Batalha* torna-se mais aligeirado. Sua mobilidade aumenta; e com ela, sua dispersão no terreno, a rapidez de sua manobra e de suas evoluções táticas. Stalin morreu; os teóricos militares podem enfim exprimir quase livremente suas opiniões. O embrião de uma doutrina baseada no emprêgo tático da arma nuclear desenvolve-se pouco a pouco, no curso dêsse período, e determina, ou condiciona, como se queira, as modificações progressivas trazidas à estrutura das unidades. Estas, todavia, mesmo tornando-se mais leves quanto a pessoal e material, conservam intacto seu poder de fogo (sempre clássico, evidentemente), que tenderia mesmo a aumentar, pela colocação em serviço de armas e materiais mais aperfeiçoados.

— De 1960 até nossos dias. Por fim, as forças terrestres soviéticas entram no problema nuclear e aperfeiçoam o correspondente equipamento tático de suas unidades. Os protótipos das primeiras rampas de lançamento de foguetes nucleares montadas sobre chassis de lagartas desfilaram na praça Vermelha, em Moscou, a 7 de novembro de 1957.

Depois de seu aparecimento nas unidades, o processo de transformação por que estas passam, acelera-se. Em novembro de 1961, a arma de artilharia muda de denominação, passa a ser, oficialmente, a arma de "artilharia e foguetes", e torna-se logo a principal componente das forças terrestres soviéticas. Pouco a pouco, as unidades do Corpo de Batalha são equipadas com êsses engenhos ou com outros do mesmo gênero, mais aperfeiçoados. Paralelamente, a artilharia convencional passa por uma deflação sensível. As Divisões de "ruptura", principalmente à base de foguetes múltiplos (os órgãos de Stalin) e de morteiros de grosso calibre, cujas pesadas batidas de pilão haviam freqüentemente decidido a sorte das ofensivas da segunda guerra mundial, são fracionadas e dissolvidas. Numerosas brigadas de artilharia de exército são substituídas por brigadas de mísseis, adaptadas ao mesmo escalão. O poder de fogo aí ganha, evidentemente, mesmo tornando-se de certo modo mais "concentrado". Todavia, ainda assim, as forças terrestres soviéticas guardam a possibilidade de realizar operações convencionais de envergadura; embora tudo que se conhece de sua doutrina militar pareça excluir a possibilidade de vê-las engajar-se numa campanha dessa natureza, no teatro de operações da Europa Ocidental.

Nos últimos anos, a evolução, de que esta rápida exposição apenas resume as fases essenciais, foi ainda acentuada, com a progressiva tomada de consciência das possibilidades constantemente crescentes da arma nuclear tática, que, no pensamento militar soviético, parece determinar cada vez mais estreitamente a evolução da natureza, da organização e dos materiais das unidades, bem como das concepções que se referem ao emprégo operacional das mesmas.

* * *

Aligeirado, transformado no decorrer dêsses períodos sucessivos de adaptação, o Exército Soviético atual continua sendo um "exército de massa" ou, pelo menos, uma força adaptada às dimensões da URSS, consideráveis em comparação com a maioria das nações europeias. Seus efetivos são estimados em cerca de 1.600.000 homens. Atingiam 9 milhões, no fim da guerra. A desmobilização progressiva, em vários anos, inicialmente os levou a cerca de 2.500.000. A seguir, a guerra fria, a crise de Berlim de 1948-49, a constituição da OTAN, etc., serviram de pretexto para uma remobilização parcial e, em 1955, as forças terrestres soviéticas contavam com 3 a 4 milhões de homens sob as bandeiras.

Desde então, êstes efetivos sofreram sucessivas deflações, anunciadas, pela propaganda do Este, como "iniciativas" ou "gestos pacíficos" da URSS. A verdade é, ao mesmo tempo, mais simples e mais complexa. De um lado, o conhecimento da realidade nuclear trouxe, como conseqüência, o soar do dobre de finados da era dos "grandes batalhões". De outro, ao problema das despesas de manutenção de contingentes volumosos, vinha ajuntar-se o da incorporação iminente das "classes vazias"; questão particularmente vital na URSS, onde, à ausência de nascimentos resultante de duas guerras que se sucederam com intervalo de uma geração, acrescentava-se ainda o assustador balanço da guerra civil e das depurações que sucederam à instauração do regime comunista. Estima-se, por exemplo, que as classes incorporadas em 1963 e 64 não representam senão a metade das chamadas para o serviço em 1957 e 58. O fenômeno é, contudo, temporário e estará provavelmente superado por completo daqui a dois anos. Mas nem por isso deixa de ser particularmente agudo no atual período. De qualquer maneira, mesmo reduzidos e afetados pelas classes vazias, os efetivos das forças terrestres soviéticas continuam consideráveis, na escala européia. Elas estão articuladas, além da administração central e da organização do comando territorial, em cerca de 130 a 140 divisões de linha, tôdas blindadas e mecanizadas (1), à exceção de um pequeno número de divisões ligeiras pára-quedistas, dependente provavelmente de uma direção centralizada, instalada em Moscou.

De modo geral, estima-se que, blindadas ou mecanizadas, estas divisões estão repartidas em três grandes "categorias de forças", das quais a obra "Estratégia Militar", redigida sob a direção do Marechal Sokolovski e editada em 1962 pelo Ministério da Defesa da URSS, fornece-nos as definições precisas, que se seguem :

— *As forças de primeira categoria* são formadas de unidades em pé de guerra, prontas para o combate a qualquer momento. Estão distribuídas pela quase totalidade das fronteiras da URSS, ou no exterior do território nacional. Parece evidente que as divisões soviéticas instaladas na Alemanha Oriental, na Polónia e na Hungria pertencem tôdas a esta categoria.

— *As forças de 2ª categoria* compreendem divisões de efetivos incompletos, mas que podem rapidamente receber os complementos em pessoal que lhe são necessários para participar das primeiras operações do período inicial da guerra. De fato, são unidades com efetivos reduzidos, podendo ser rapidamente recompletadas por reservistas treinados. Em época normal, levam a vida habitual das unidades, participam de exercícios e manobras e devem provavelmente possuir a totalidade de seus quadros e de seu material.

(1) O termo soviético é "divisões de fuzileiros motorizados", mas trata-se, em realidade, de divisões mecanizadas onde todo o pessoal é transportado em viaturas de combate.

— As forças de 3ª categoria, por fim, são unidades quadros, não possuindo senão uma fraca porcentagem em homens e cujo material de mobilização é possivelmente estocado. Poderão, no caso de uma mobilização geral, dar lugar a unidades completas, ou servir de depósitos e núcleos ativos para a organização de novas divisões.

* * *

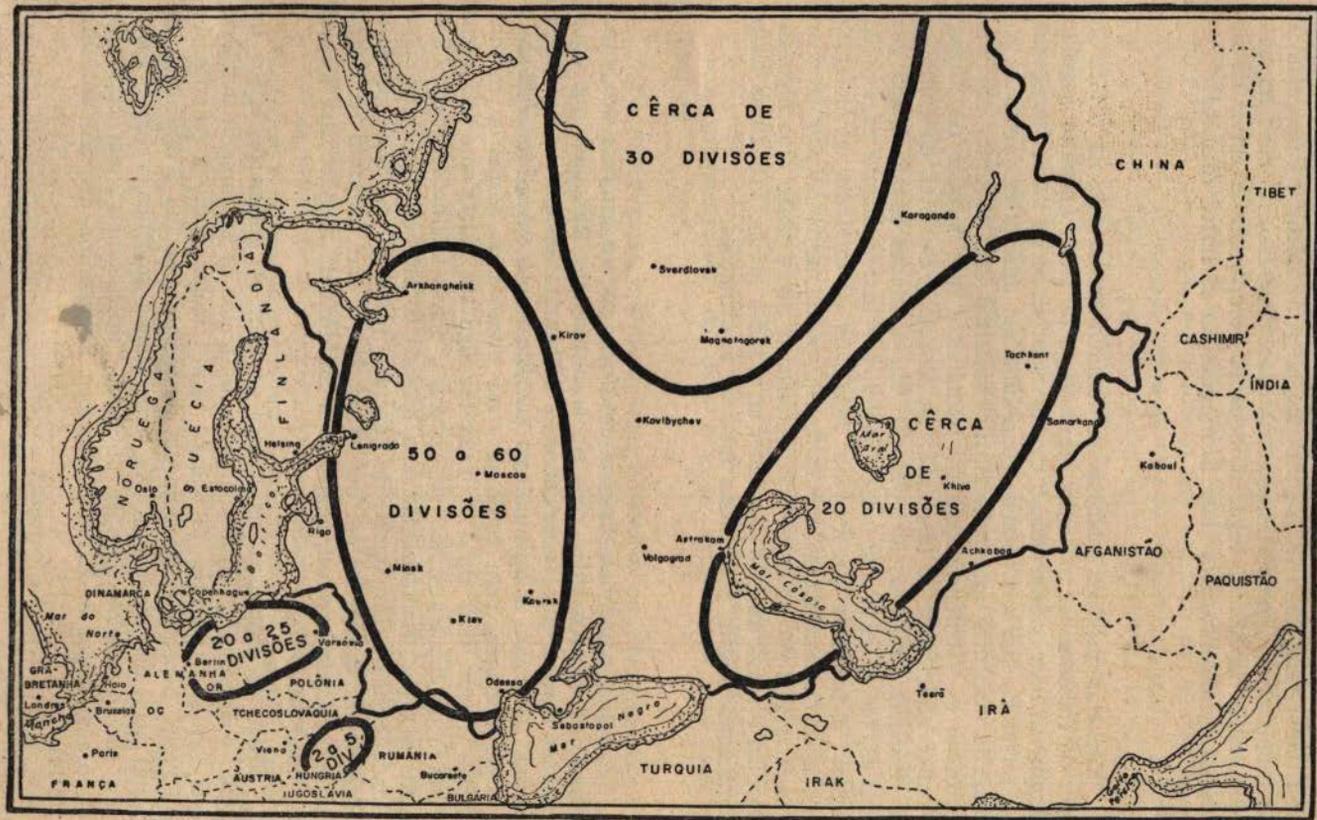
Tôdas as questões relativas ao domínio militar são, na URSS, objeto de medidas de proteção rigorosas e do mais absoluto segredo. Assim também a distribuição das divisões entre as várias categorias de forças ou sua implantação geográfica são difíceis de precisar. No máximo, sabemos que o território soviético está dividido em uma quinzena de *Okrougs* (Regiões) militares e que “grupos de forças” existem no exterior do território: na Alemanha Oriental, na Polônia e na Hungria. Todavia, a repartição das unidades nesse espaço geográfico, éle próprio impreciso, parece ser extremamente vaga e desigual. É provável que a maior densidade de unidades da categoria 1 e 2 encontre-se na Rússia Européia, particularmente nos *Okrougs* fronteiriços e no exterior. Isto, entretanto, não é senão uma hipótese, da qual o mapa adiante apresenta as grandes linhas, mas cujas bases continuam frágeis, pela nossa falta de informações.

* * *

A maior parte das divisões soviéticas parece grupada nos exércitos, dos quais existem dois tipos: o Exército Blindado, que compreende apenas divisões de carros, e o Exército Mecanizado ou “interarmas” (segundo a terminologia soviética), que compreenderia uma divisão blindada, bem como diversas divisões de fuzileiros motorizadas. Nestes dois tipos de exércitos figuram igualmente um certo número de elementos não divisionários, quase idênticos, à testa dos quais se situa provavelmente uma brigada de mísseis táticos, de capacidade nuclear. Em tempo de guerra é provável que diversos exércitos sejam agrupados em um *Front*, que é um conjunto de forças de importância variável, adaptado à natureza da missão para a qual foi constituído.

Como os Exércitos, os *Fronts* dispõem de meios orgânicos de apoio e de proteção e, notadamente, de meios de lançamento nuclear, que lhes são próprios. O volume destes meios, como a composição do *Front*, depende essencialmente da missão que lhe é destinada no plano geral das operações. Na terminologia soviética, *Front* e Exército são chamados grandes unidades “operacionais”, em contraposição aos Corpos de Exército, Divisões, Regimentos, que são unidades “táticas”.

Estas grandes unidades possuem de modo geral, estruturas simples. *Simplicidade e standardização* são, aliás, as características



dominantes de tudo quanto, na União Soviética, diz respeito, de perto ou de longe, ao domínio militar. Desde logo, tudo está organizado sob o sistema ternário, desde a companhia até a divisão, inclusive. Em seguida, tôdas as unidades de carros ou de infantaria, que constituem o essencial das forças do Corpo de Batalha, estão montadas em tôrno de uma dosagem de infantaria e de blindados cujos componentes essenciais são idênticos e intermutáveis. De fato, quase se poderia dizer que não existem nas forças da URSS mais que dois tipos de batalhões: batalhões de carros e batalhões de fuzileiros transportados em BTR, cujos diferentes amálgamas constituem regimentos de carros ou de infantaria e, por extensão, as DFM ou as DB.

É verdade, contudo, que os regimentos soviéticos são em realidade grupamentos táticos, constituídos orgânicamente, e nos quais as armas de tôda natureza estão mais ou menos presentes. Mas, aí também, a uniformização é evidente. Ela é reencontrada na estrutura dos diversos elementos e unidades de apoio existentes no escalão regimental, ou na divisão, que são quase exatamente idênticos, quer se trate de formações mecanizadas ou blindadas. É assim, por exemplo, que as unidades de reconhecimento, de engenharia, de proteção QBR ou de DCA têm a mesma constituição nos regimentos de carros e de fuzileiros ou no escalão DFM ou DB. As unidades dos serviços, também, têm quase o mesmo volume e, à parte alguns pormenores, estão organizadas de maneira equivalente. Enfim, e aqui está o essencial, os meios orgânicos de lançamento nuclear, de que dispõem a divisão de fuzileiros e a DB, parecem ser os mesmos: o que confere a êstes dois tipos de grande unidade um poder de destruição maciço, sensivelmente idêntico. Percebe-se, aliás, da leitura da imprensa militar soviética, que o emprêgo no combate de uma DFM é concebido cada vez mais como o de uma DB ligeira: mesmas missões, mesmas frentes de emprêgo, mesmo ritmo de penetração, etc... No máximo, admite-se que a DB, possuindo um poder de choque maior, progride em geral mais rapidamente que a divisão de fuzileiros motorizados. Esta, em compensação, é de emprêgo mais flexível e possui mais extensa gama de recursos, que permite maior variedade de missões. Uma e outra dessas divisões parecem muito leves em comparação com suas versões ocidentais. Os efetivos da DFM não ultrapassam 11.000 homens (dos quais sòmente 2.000 verdadeiramente infantes). Os da DB mal atingem 9.000 homens. Em compensação, suas dotações em carros e artilharia são muito elevadas em relação a êstes fracos efetivos: cêrca de 200 carros de combate na DFM, perto de 350 na DB, apoiados por uma artilharia convencional numerosa e por foguetes nucleares.

Em resumo, as divisões de linha do Exército Soviético são conjuntos interarmas, de estruturas e organização simples, cujos diversos elementos são em geral intermutáveis e cujo poder de fogo e mobilidade estão desenvolvidos ao máximo. Estas unidades estão montadas em tôrno de uma dosagem, de taxas variáveis, de infan-

taria e carros, em que a percentagem de engenhos blindados é, proporcionalmente, bastante elevada e a infantaria é, numéricamente, pouco volumosa. A motorização é completa em toda parte e todas essas unidades são capazes de manobrar em qualquer terreno, de noite como de dia, graças ao aperfeiçoamento constante das técnicas de ultrapassagem de obstáculos e à generalização do emprego de meios infravermelhos para a visão noturna.

Enfim, todas essas unidades estão já relativamente bem protegidas contra os efeitos dos ataques nucleares. Antes de tudo, pela mobilidade, mas também por sua blindagem e pelos meios individuais de proteção de que é dotado todo seu pessoal, que, em seu emprego, teve um treinamento severo e prolongado. Além disso, em todos os escalões até regimento, inclusive, encontram-se unidades especializadas, encarregadas da detecção das zonas perigosas e da descontaminação do pessoal e do material. Neste domínio particular, estritamente no plano das realizações práticas, as forças terrestres da URSS parecem estar muito avançadas em relação ao que se faz no Ocidente.

* * *

Os mesmos critérios de standardização e de simplicidade caracterizam igualmente os armamentos e materiais em serviço no atual exército soviético. Uma outra característica, ainda, é sua rusticidade, que pode por vezes parecer surpreendente em comparação com os hábitos ocidentais.

Isto diz respeito, particularmente, ao importante número de grandes unidades por equipar, neste aspecto de "massa" que é, ainda hoje, próprio do exército modernizado da URSS. Para satisfazer essa enorme necessidade em equipamentos, sem considerar, em certa medida, as dos Estados satélites, e até as dos países do Terceiro Mundo que aceitam a ajuda militar soviética, a URSS teve de fabricar uma quantidade considerável de material de guerra para substituir o usado durante o último conflito mundial.

Também neste domínio, os Soviéticos orientaram-se, desde há muito, para as soluções simples e estereotipadas; igualmente as mais econômicas. É assim que seu chassi de carro leve anfíbio serve tanto de base para as barças automotrizes da engenharia, como a um transporte de tropas de infantaria blindada e, mesmo, para a maioria dos tipos de rampas de lançamento nucleares que equipam as divisões. É assim, igualmente, que o canhão de 100 mm que arma o carro médio T.54, não é mais que uma versão do canhão anticarro do mesmo calibre que figura nos grupamentos de artilharia divisionários. Dentro dessa mesma ordem de idéias, o número de carros pesados está em franca regressão. A maior parte dos canhões autopropulsados (os SU, equivalentes dos TD ocidentais) que existiam no fim da guerra nas formações blindadas, acabam pacificamente

sua existência, transformados em carros-socorros ou em *wreckers* (demolidores). A mesma uniformização vem a ser encontrada nos materiais de artilharia convencional, a qual, após a aparição dos foguetes táticos, parece ter perdido muito de sua importância, e conserva em serviço tipos de materiais já antigos, que parecem ultrapassados. Por fim, os armamentos de pequeno calibre são quase idênticos, nas unidades de tôdas as armas. Sua standardização aumenta cada vez mais, sendo a arma base o fuzil-metralhadôr Kalashnikov, que nada mais é senão uma versão do *sturmgewehr* alemão.

Por outro lado, o considerável esforço impôsto à indústria pesada soviética, em matéria de fabricação de armamento, exigiu, para o enfrentar, dentro de um sistema de planificação econômica extremamente tenso, soluções tão pouco custosas quanto possível. Por esta razão, a maioria dos materiais recebe apenas um acabamento sumário, limitado aos conjuntos que os Soviéticos consideram como essenciais. Os veículos de transporte de infantaria não oferecem conforto algum; os carros não possuem telêmetro; os aços são frequentemente de baixa qualidade, etc... Nem por isto a URSS deixou de produzir quantidades maciças de materiais devidamente postos à prova, sólidos, cuja mobilidade é excelente nas estradas ou em qualquer terreno, de dia ou à noite, e cujas *performances* gerais são muito equivalentes, e às vêzes superiores, às da maioria dos materiais em serviço nos Exércitos no Mundo Livre. Notadamente, carros e blindados de infantaria possuem raios de ação maiores e têm capacidade de ultrapassagem de obstáculos fluviais bem superiores. Quase todos foram equipados com meios para a visão noturna, que lhes permite combater ininterruptamente, como o exige a doutrina militar da URSS.

Definitivamente, a principal fraqueza quanto ao equipamento, no Exército Soviético, parece residir em sua aparente deficiência em meios eletrônicos, quer se trate simplesmente das ligações rádio ou dos sistemas mais complicados e técnicos de busca de alvos ou de vigilância do campo de batalha. Temos aí, evidentemente, um setor muito protegido, sôbre o qual as informações são raras e pouco precisas. Em todo caso, é provável que esta deficiência venha a estar resolvida, pelo menos parcialmente, nos próximos anos.

* * *

A complexidade da organização do comando no Exército Soviético oferece, de outra parte, um singular contraste com a simplicidade dos materiais ou das estruturas das unidades. Entretanto, aí também, a standardização continua sendo a regra, pois reencontra-se em todos os escalões do comando uma organização invariável, estereotipada, idêntica (guardadas as devidas proporções), desde o Ministério da Defesa da URSS até o Estado-Maior do Regimento, e que se caracteriza pela existência de cadeias de comando múltiplas, das

quais torna-se a encontrar os elos paralelos nos diferentes níveis da escala hierárquica.

Assim, todos os Estados-Maiores das tropas terrestres, qualquer que seja sua importância, compreendem, globalmente, quatro cadeias de comando principais, que são :

- o Estado-Maior pròpriamente dito;
- a direção política;
- os comandos das armas;
- o serviço das retaguardas (direção dos serviços logísticos).

Sumariamente, as responsabilidades do comando estão distribuídas entre estas hierarquias do seguinte modo :

O Estado-Maior, como na França, é o braço direito do chefe e deve coordenar as diversas atividades que constituem a vida da unidade. Seu papel principal, entretanto, é a conduta e o contròle das atividades operacionais. A êste título, o chefe do Estado-Maior tem sob sua ação direta as seções de operações, informações, cifras, etc... A logística da unidade não é, diretamente, de sua alçada.

O adjunto político, que figura nos quadros de organização até o escalão batalhão, inclusive, ocupa-se teòricamente da doutrinação política pròpriamente dita; o que não é uma sinecura, já que esta formação pode atingir cursos de 15 horas semanais. Mas, além disso, o adjunto político intervém, normalmente, por sua própria autoridade, em tôdas as questões de pessoal e de moral: quer se trate de sanções ou recompensas, de alimentação ou de bem-estar, de questões sociais ou de folgas, e até da limpeza dos acantonamentos ou das competições esportivas. Isto o leva a participar cerradamente, e de modo freqüentemente constrangedor, de todos os problemas da vida interna da unidade, no seio da qual seu papel e sua influência mantêm-se consideráveis.

O serviço das retaguardas abrange o conjunto dos problemas logísticos, à exceção das questões concernentes ao serviço das viaturas (manutenção, recuperação, reparações, etc); o adjunto-chefe do serviço das retaguardas tem sob suas ordens diversas seções, tais como: víveres, fardamento, carburantes, saúde, tesouraria, acantonamento, etc. e dispõe permanentemente da totalidade das unidades de transporte orgânicas pertencentes à formação.

Em fase de operações, além de suas responsabilidades quanto a abastecimento, evacuação sanitária, etc., tem, igualmente, responsabilidade de organização da zona das retaguardas e, mesmo, de sua segurança e defesa.

A exceção da infantaria, que não constitui uma arma, pois é orgânicamente "interarmas" (2), existe nas fôrças terrestres soviéticas cinco "armas-serviço": artilharia e foguetes, blindados, engenharia, co-

(2) Mesmo a palavra "infantaria" (Pexota) foi banida da terminologia militar soviética, onde uma unidade de infantaria é chamada "unidade interarmas". *Obstchevoyskovaya tchast*.

municações e defesa QBR. Em cada escalão de comando, encontra-se oficiais destas armas, encarregados de aconselhar os chefes nos problemas técnicos concernentes à sua especialidade. Estes conselheiros técnicos não comandam diretamente as tropas de sua arma existentes no escalão onde se situam. Em compensação, cada um deles é encarregado de uma missão particular, interessando o conjunto da unidade.

Assim, o adjunto da arma de artilharia e de foguetes é responsável pelo remuniamento (aí compreendidas as munições de infantaria ou de carros); o adjunto de engenharia ocupa-se da conservação dos itinerários e, igualmente, dos problemas de reabastecimento de água. O adjunto de blindados encarrega-se do serviço das viaturas, o adjunto QBR, do serviço meteorológico, etc.

No âmbito de um Estado-Maior de grande unidade, este emaranhado de responsabilidades deve sem dúvida trazer uma certa confusão em situações urgentes ou críticas. O papel do Chefe de Estado-Maior em tais circunstâncias e o trabalho de coordenação que êle será obrigado a exercer são uma tarefa difícil e freqüentemente delicada. Por hora, esta organização complexa, apesar de suas deficiências evidentes, continua em vigor nos diferentes escalões de comando das forças terrestres soviéticas, sejam territoriais ou operacionais. Seu funcionamento satisfatório repousa, em grande parte, provavelmente, no devotamento, na consciência profissional das praças e na competência técnica dos quadros do exército soviético, cuja descrição convém agora abordar.

* * *

Talvez ainda mais do que a transformação gradual dos exércitos de massa de 1945 em unidades mecanizadas modernas, esta, sofrida em 20 anos pelos quadros soviéticos, pareça radical aos olhos dos que puderam seguir essa evolução. No fim da guerra, o oficial soviético era, comumente, um ser rude, endurecido pelo combate, geralmente investido em seu posto devido a suas virtudes de instrutor; aliando-se freqüentemente suas qualidades de iniciativa e de coragem física a uma falta quase total de cultura. É bem certo que, nos postos elevados do comando, nos Estados-Maiors, na hierarquia política, encontrava-se oficiais de uma classe totalmente diferente. Mas nas unidades, a guerra tinha feito uma terrível devastação nos quadros subalternos, obrigando o Comando a realizar promoções apressadas, ditadas pelas necessidades da situação. A competência técnica desses "oficiais" limitava-se, as mais das vezes, à sua autoridade sobre os homens de que estavam encarregados. Muitos dentre eles ficavam embaraçados na leitura de uma carta.

Em nossos dias, os quadros das forças terrestres soviéticas apresentam um aspecto bem diferente. Vinte anos, evidentemente, renovaram, em sua grande maioria esses quadros, e o oficial surgido da

“grande guerra patriótica” não é hoje senão uma imagem do passado. A formação dos jovens oficiais foi desenvolvida para lhes dar os conhecimentos técnicos indispensáveis em um exército moderno. Sua seleção também tornou-se mais rigorosa, tanto no plano político quanto no de sua capacidade profissional, e acentuou-se sua especialização, à medida que entravam em serviço materiais novos, exigindo profunda formação técnica. A parte o uniforme, os jovens oficiais atuais não apresentam qualquer semelhança com seus antecessores, tal como eram vistos na Alemanha ou na Áustria, durante os primeiros meses de ocupação. Atualmente, êsses oficiais são quase todos técnicos, que receberam uma formação primária, talvez, mas eficaz e adaptada às suas funções. Sua competência no *métier* e sua consciência profissional são freqüentemente de excelente nível e, sob muitos aspectos, podem competir com seus homólogos dos exércitos ocidentais.

Consciente da importância de quadros competentes, o Alto Comando Soviético interessou-se profundamente pelos problemas da formação dos oficiais. Esta é quase contínua, ao longo de toda carreira que escolheram, e os obriga a um trabalho individual constante e orientado. Geralmente recrutados nas Escolas *Souvorov*, quase análogas às nossas *Prytanées* (3), tendo seguido durante 3 ou 4 anos os cursos de uma escola de oficiais, os jovens, uma vez promovidos a subtenentes, devem aperfeiçoar-se durante toda sua vida militar no ramo interarmas (infantaria) ou técnico (carros, artilharia foguetes, engenharia, etc.), que escolheram, no momento de iniciar a carreira.

Antes de atingir a idade de 28 anos (a maior parte dos alunos oficiais são promovidos aos 22 ou 23 anos), devem ter efetuado um estágio em uma escola superior de infantaria (4) ou numa escola da arma correspondente. A seguir, as “Academias Militares”, como a famosa Academia Frounze para a infantaria, reivindicam os que desejam fazer carreira e, de qualquer modo, ao menos todos aqueles que ambicionam o comando de um regimento.

Por fim, os coronéis e generais de todas as armas seguem os cursos da Academia de Estado-Maior Geral das Forças Armadas, ex-Academia *Vorochilov*, correspondente, de certo modo, ao CHEM, de onde saíram quase todos os atuais Marechais da União Soviética.

Este processo contínuo para o diploma ou o *brevet* é complicado, ainda, por um sistema de limite de idade muito estudado, que não permite, por assim dizer, nenhum descanso aos candidatos sérios ao acesso. Os limites de idade para os postos subalternos são muito baixos: 30 anos para os tenentes, 40 para os capitães e comandantes, 45 anos para os tenentes-coronéis e coronéis. Os para entrada nas escolas e academias não são mais elevados. De sua justaposição,

(3) Colégios para filhos de militares, na França (NT).

(4) Vyschee strelkovoe outchlistche, em resumo “vysstrel” .

verifica-se que até a idade de 35 anos pelo menos, o oficial soviético está obrigado a trabalhar muito por si próprio e a gastar grande parte de seu tempo a completar sua formação em diversas escolas que o comando criou, e escalonadas até os limites de idade mais elevados.

Também dá o oficial soviético, em geral, a impressão de possuir bom conhecimento dos problemas de sua profissão e das técnicas próprias à sua arma. Além disso, demonstra, quase sempre, uma "consciência política" muito elevada. Os oficiais, em maioria, foram membros do Komsomol, e a maior parte deles pertence ao Partido Comunista da URSS. Desfrutando, no conjunto da organização pública, de uma situação privilegiada, bem pagos, convenientemente alojados, estimados pela população, mostram-se em geral muito apegados ao estado militar e ao regime de seu país.

As principais características dos quadros das forças terrestres soviéticas são, em primeiro lugar, sua grande densidade (cerca de 25 % dos efetivos são constituídos por eles, o que parece excessivo em comparação com as normas ocidentais), em seguida, sua riqueza em oficiais e sua fraca percentagem em suboficiais ADL, que representam, quando muito, 1/5 da cifra total desses quadros. A maior parte dos suboficiais pertence ao contingente e os reengajamentos entre eles são extremamente raros.

Isto se explica, antes de tudo, pelo fato de não existirem, por assim dizer, suboficiais de carreira no exército soviético, nem estatutos, dando privilégios a essa categoria de pessoal. Os reengajamentos são feitos sob a forma de contratos prorrogáveis, cuja duração não pode exceder um certo número de anos. Em compensação, o contingente, realizando um serviço de 3 anos, fornece uma percentagem suficiente de suboficiais válidos, para satisfazer as necessidades da vida normal das unidades.

A tropa, por seu lado, permanece rústica, com as qualidades e os defeitos disso decorrentes. De muitos modos, o soldado soviético é bem semelhante aos que compõem a massa de nossos exércitos ocidentais. Como eles, não ama o serviço militar; como eles, sente a nostalgia de sua cidade natal, de sua família e de seu lar, saudade que ele de boa vontade afoga no álcool; como eles, evita o contato com os quadros profissionais, por quem sente pouca simpatia, mas que teme e respeita. Curiosamente, a propaganda política que lhe é imposta, deixa-o indiferente, apesar, ou talvez por isso, da doutrinação contínua a que é submetido. Bem entendido, o serviço de 3 anos parece-lhe longo demais, e ele aspira voltar à sua cidadezinha, para junto dos seus.

Dito isto, é um combatente rijo, endurecido, cuja resistência física é notável, cuja capacidade de resistência ao frio é às intempéries podem ser citadas como exemplo. Além disso, é um adversário sagaz, astuto, sabendo às maravilhas camuflar-se e utilizar o terreno. É

igualmente um notável "esburacador" e, geralmente, um bom (realmente muito bom) atirador individual. Em três anos de serviço, recebe uma formação tática excelente e completa, e conhece bem seu papel no seio da unidade elementar onde vive. Acima de tudo, mantém-se patrioticamente inflamado, fator determinante de sua vontade de combater, que faz dêle um adversário muito mais temível em solo pátrio que em terra estrangeira. Pode-se imaginar, todavia, que, mesmo fora de suas fronteiras, seu ardor no combate será também tão vivo se se tratar, em seu espírito, de preservar sua pátria das destruições de um conflito nuclear ou de vingar as ruínas que uma guerra assim traria a seu país.

Dentro das unidades, os jovens recrutas são muito sensíveis ao seu meio. Rígidamente enquadrados e mantidos na mão desde sua chegada, logo adquirem o hábito do serviço e da disciplina. Um sistema de emulação coletiva cria rapidamente uma atmosfera de competição permanente entre as unidades, à qual cada um se vê obrigado a trazer sua própria contribuição. Desta maneira, prêso desde sua chegada em uma espécie de engrenagem psíquica, o soldado soviético integra-se facilmente na vida militar e, com seu caráter eslavo presertativo e de aceitação, dá geralmente provas de devotamento e de consciência profissional.

* * *

O estudo das publicações militares soviéticas revela que, em caso de conflito, as concepções estratégicas da URSS necessitam, para serem executados, forças terrestres de valor visivelmente maior que o apresentado em tempo de paz. Pode-se, de fato, estimar que, das 130 a 140 divisões que constituem a ossatura do corpo de batalha, somente metade é normalmente mantido em pé de guerra. As outras devem, antes de seu emprêgo em um teatro de operações eventual, receber um completamento de reservistas numêricamente variável, mas attingindo, conforme a categoria de forças a que pertençam, 30 ou 70% de seu efetivo teórico. Além disso, as perdas consideráveis previstas desde o comêço de um conflito nuclear, exigirão, sem dúvida, rápido recompletamento das forças operacionais, por novas unidades. Segue-se que o problema das reservas e de sua mobilização reveste-se, na União Soviética, de um aspecto particular, do qual convém sublinhar as principais características.

Do ponto de vista numérico, a riqueza demográfica do país e o volume decorrente das classes de conscrição, permitem admitir que a URSS poderá, a qualquer momento, dispor de suficiente quantidade de reservistas instruídos, de menos de 30 anos, para completar os efetivos da totalidade de suas divisões e, mesmo, para pôr de pé novas unidades. A instrução das reservas é praticada no âmbito das áreas territoriais, que são ao mesmo tempo encarregadas da mobilização. Seguindo sua classe de idade, os reservistas são convocados regularmente, para períodos de duração variável no seio das unidades da ativa. Os quadros de reserva são recrutados, principalmente, entre os estudantes, cuja maioria está isenta do serviço, sob a condição de

seguir em sua universidade cursos de formação militar, completados por estágios na tropa. Todavia, são também recrutados entre os jovens suboficiais do contingente que, após seu licenciamento, podem, sob certas condições, aspirar ao oficialato. Finalmente, os oficiais da ativa atingidos pelo limite de idade, continuam evidentemente a prestar serviço na reserva, até os 55 anos, para as graduações subalternas.

Por mais numeroso que seja este potencial humano, sua distribuição geográfica, no conjunto do território, é desigual, quer qualitativa quer quantitativamente. Em particular, as regiões industriais são bem mais ricas em especialistas qualificados, necessários a um exército moderno blindado e mecanizado, tal como se apresenta o Exército Soviético de hoje. Em compensação, esses técnicos são raros nas regiões agrícolas que cobrem grande parte do espaço soviético. Eles o são ainda mais nas repúblicas alógenas da Rússia Asiática, onde, além disso, as tendências nacionalistas ainda subsistem, o que daria às unidades recompletadas no local um caráter autóctone, ao qual o Alto Comando Soviético parece ser firmemente contrário. Este problema das reservas mostra-se, em consequência, bem complexo e não teria ainda recebido, na escala da União Soviética, uma solução inteiramente satisfatória. Pois é evidente, e eminentes Mareschais soviéticos o ressaltam, que, no quadro de uma guerra nuclear, a mobilização das forças armadas só é concebível numa organização territorial, que a permita ter um processamento mais rápido e quase independente dos transportes e das comunicações, que ficariam provavelmente gravemente perturbados desde as primeiras horas do conflito. Para ser eficaz, a mobilização deveria, assim, ser tão simplificada, tão rápida e tão descentralizada quanto possível, com os transportes de material e de especialistas necessários reduzidos ao mínimo.

É provável que a conclusão final de um tal sistema esteja ainda longe de ser atingida na URSS; difícil é, aliás, estimar seu grau de realização, mesmo aproximadamente.

* * *

Uma descrição tão sumária das forças terrestres soviéticas só pode permitir conclusões de caráter geral. A primeira, é que essas divisões blindadas, mecanizadas, móveis, poderosas, mas pobres em efetivos, são concebidas apenas para ofensivas rápidas e de breve duração, que a doutrina militar soviética considera, aliás, como características de um conflito sob o signo da arma nuclear. Estas unidades, conseqüentemente, são adaptadas para um tipo de combate único, onde os fogos dos foguetes táticos de cabeça nuclear desempenham um papel determinante. Foram criadas para explorar os resultados desses fogos, por uma manobra violenta, audaciosa, realizada a toda velocidade. A doutrina militar soviética sublinha com firmeza que não é mais o fogo que apóia o movimento mas, ao contrário, o movimento que deve utilizar e explorar os efeitos do fogo nuclear.

Por outro lado, parece que todas essas divisões adaptadas para uma certa doutrina operacional, o são igualmente a um teatro de

operações particular: o da Europa Ocidental, onde o terreno é permeável e os itinerários numerosos. Parecem impróprias tanto para o combate nas montanhas, quanto em região semidesértica, nas esteques asiáticas, por exemplo.

Seu valor nas regiões árticas seria igualmente duvidoso. Além disso, sua constituição e sua estrutura parecem excluir a possibilidade de seu emprêgo no além-mar.

* * *

As forças terrestres soviéticas parecem, pois, organizadas e concebidas para agir na Europa Ocidental, contra as da OTAN. Neste aspecto, representam para o mundo livre uma ameaça considerável, da qual resta apreciar o justo valor.

Esta ameaça é, em primeiro lugar, a do número e do poderio. Em comparação com os exércitos ocidentais, as forças soviéticas e satélites dispõem de uma séria vantagem numérica e de um poder de fogo considerável. Bem equipadas, bem instruídas, impregnadas de uma doutrina militar essencialmente ofensiva, parecem perfeitamente adaptadas a uma missão que poderia ser a invasão repentina da Europa Ocidental.

Todavia, apesar de seu aspecto formidável, êsse exército possui certas fraquezas. Quanto mais se moderniza, mais perde seu caráter rústico. Suas necessidades logísticas aumentaram consideravelmente desde a última guerra. Se bem que aspirando modernizar-se, permanece pobre em equipamento técnico especializado. Por fim, quanto a pessoal, as transformações por que passou ocasionam, sem dúvida alguma, uma certa inadaptação dos quadros às ações que de sua parte exige a tática operacional escolhida pelo Alto Comando.

Mas, sobretudo, êste exército não parece animado de propósitos agressivos. Desde o estabelecimento de seu regime, os Soviéticos têm conservado o complexo de uma "agressão imperialista", complexo reforçado desde a Segunda Guerra Mundial pela política americana do estabelecimento de bases na periferia do território da URSS, que leva de fato a um "cêrc" dêste, do qual os Soviéticos estão extremamente conscientes. Depois, é interessante constatar que atualmente os dois blocos antagônicos vivem cada um na hipnose de uma agressão pelo adversário, agora que nenhum dos dois tem reais intenções agressivas.

Para a URSS, em todo caso, êste complexo traduz-se pela manutenção em pé de guerra e com efetivos completos, de forças consideráveis, destinadas a constituir o "exumador", e a lhe dar meios de resposta e defesa do território contra uma agressão nuclear.

O volume dessas forças aumentou muito, enquanto que diminuiu o do Corpo de Batalha, de certa maneira sacrificado por êste desenvolvimento. As diminuições dos efetivos do exército, como a organização de unidades com efetivos reduzidos, parecem indicar assim que, pelo menos de imediato, as formações e as grandes unidades soviéticas são mais destinadas a enfrentar uma agressão eventual, que a desencadear uma ação ofensiva, de sua própria iniciativa.